

## ENSINO REMOTO EMERGENCIAL - REFLEXÕES SOBRE AS ADAPTAÇÕES DOCENTES

Amanda Nunes Gomes Meira<sup>1</sup>  
Girlene Marques Formiga<sup>2</sup>

### RESUMO

Nos últimos anos, mesmo antes da crise pandêmica, o estudo das relações entre tecnologia e educação – que já era um tema de grande relevância nos ambientes educacionais –, se tornou ainda mais necessário após a crise mundial sanitária provocada pela Covid-19, em que tivemos que vivenciar um isolamento social, conferindo à tecnologia um protagonismo em diversas áreas da sociedade. Em resposta à situação de crise, as escolas tiveram que se adaptar ao ensino remoto emergencial, estratégia extremamente necessária para manter as atividades de ensino durante os períodos mais críticos da pandemia. Este trabalho foi construído a partir de observações docentes durante o período de imersão no contexto das aulas remotas emergenciais, com a proposta de dialogar sobre percepções da vivência prática, apoiado em informações advindas de outros autores quanto ao uso das tecnologias em sala de aula e também sobre o ensino durante o contexto de isolamento social.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto Emergencial, Docente, Arte.

### INTRODUÇÃO

Tudo parecia ocorrer dentro da normalidade no início do ano de 2020, porém, em alguns lugares ao redor do mundo, um vírus se espalhava, atingindo as regiões mais longínquas da Terra. Não demorou muito para alcançar todo o planeta, forçando a população de muitos lugares a realizarem uma estratégica parada em vários setores da sociedade, na intenção de tentar conter o avanço do vírus e visando à preservação da vida.

No Brasil, no dia 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, o Ministério da Educação decretou a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durasse a situação de pandemia da COVID-19 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020).

Na pandemia, enquanto “a terra parou” e a maioria das pessoas ficou restrita aos confinamentos de seus lares; foi necessário aprender a interagir com o mundo fazendo-se uso dos meios virtuais, que se transformaram em nossas janelas, nossos espaços de expressão e lugar por onde pudemos dialogar fora de nossas dependências. Foi assim que os nossos

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação Profissional pelo ProfEpt do Instituto Federal da Paraíba-PB, amandanunes@gmail.com;

<sup>2</sup> Professora titular do Instituto Federal da Paraíba, com atuação no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – IFPB. E-mail: gformiga@uol.com.br.

equipamentos eletrônicos, como computadores, celulares, tablets, demonstraram grande versatilidade, transformando-se em escolas, escritórios, lojas, bancos, festas, igrejas, espaço de reunião, entre outros.

É possível inferir que o mundo dificilmente será o mesmo de antes da pandemia. A situação de crise colocou sob teste, mais uma vez, nossa capacidade adaptativa, levando-nos a solucionar novas questões, como resultado natural do denominado novo normal. Em diversas áreas, tanto do ensino quanto do mercado, que já estavam migrando para o hibridismo virtual - presencial, o processo tecnológico foi acelerado, proporcionando novas formas de se desenvolverem determinadas atividades antes apenas pensadas no contexto presencial.

Grande foi o impacto sofrido pelo universo escolar que, durante longos anos, vinha sendo pautado por modelos tradicionais, em que a construção do conhecimento dependia da presença física dos professores no controle dos estudantes em sala de aula. Diante da necessidade, os sistemas de ensino se viram obrigados a quebrar paradigmas e ampliar as possibilidades de atuação, extrapolando os muros das escolas, adentrando em universos particulares, espaços diversos, como casas, ambientes de trabalho etc., tudo isto por meio de recursos tecnológicos e digitais.

É válido lembrar que, antes mesmo da crise pandêmica, as reflexões sobre as tecnologias no campo da educação sugeriam que os recursos tecnológicos poderiam se transformar em ferramentas de grande valor no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem no contexto contemporâneo. Isto foi confirmado durante a pandemia.

Outro ponto a destacar é que, conforme pesquisas anteriores à crise, os educadores em sua maioria não se consideravam preparados para inserirem as tecnologias em suas atividades de ensino, uma vez que estas não faziam parte das reflexões e práticas durante a formação acadêmica. Neste sentido, Fusaro (2018) já demonstrava preocupação, ressaltando que essa falta de preparo teórico-prático com o uso de tecnologias em sala de aula poderia contribuir para afastar os estudantes em vez de conduzi-los ao processo libertador do olhar estético e crítico com relação ao mundo.

Estando a escola bem estruturada ou não, a pandemia ocasionada pela Covid19 se estabeleceu e, segundo os dados informados pela Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO), bilhões de estudantes, espalhados por quase 200 países, sofreram o impacto da paralização do ensino presencial, em virtude da referida pandemia. (SARAIVA *et al.*, 2020).

Sem espaço para muitas escolhas, foram impostas as condições para que os processos

pedagógicos pudessem continuar ativos. Preparados ou não, a maioria dos docentes teve que se

adaptar e aprender rapidamente a ingressar no universo em rede, pois, durante o distanciamento social, as instituições educacionais de todos os níveis de ensino tiveram que adequar seu formato metodológico, para que as atividades escolares passassem a ser desenvolvidas dentro dos meios digitais, com características específicas, obedecendo a um método ao qual se denominou Ensino remoto emergencial (ERE), expressão criada por Hodges *et al.*, que o definiu como “uma modalidade de ensino e aprendizagem inovadora e criativa adaptada para atender o(sic) momento emergencial no ensino de forma síncrona. Uma estrutura remota, temporária, com recursos adaptados para transição do ensino presencial para ambiente digital” (MOTA e WATANABE, 2021, p. 3).

Sampaio *et al.* (2022) consideram importante diferenciar a educação a distância do ensino remoto emergencial ofertado na pandemia, este possui caráter excepcional, sendo uma forma de suprir a necessidade imediata para a continuidade das atividades escolares e acadêmicas, diante do isolamento social. Já

a EaD resulta de um planejamento e design instrucional cuidadoso(sic) cujo processo tem impacto na qualidade da instrução, além de oferecer suporte a diferentes tipos de interações. Em contrapartida, o ERE teria mais um caráter de transmissão temporária de informações, caracterizando-se como um ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. (ANDRADE PEREIRA & ROCHA, 2022, p. 325)

Por meio desse modelo de ensino, foi possível trazer a rotina da sala de aula para uma sala virtual, proporcionando-se interação, em tempo real, entre docentes e discentes os quais, mesmo se mantendo em seus lares, se agrupavam para participar de encontros síncronos em plataformas de webconferência, como o Google Meet, Zoom, lives no Youtube, entre outros. As atividades educacionais também poderiam ser desenvolvidas fora do encontro ao vivo, em formato assíncrono, sendo postadas tarefas e materiais de apoio em ambientes e ou plataformas virtuais apropriados, como o Moodle e o Google Classroom, e também por meio dos recursos das redes sociais como o Instagram, Facebook, Whatsapp etc. Nesses suportes foi possível organizar e receber esse material, realizar fóruns, disponibilizar vídeos, tutoriais, entre tantas outras ações pedagógicas.

Tendo vivenciado este tipo de ensino, compartilho, neste trabalho reflexões geradas nas vivências e observações com relação ao preparo docente para a prática da modalidade de ensino remoto. As reflexões e discussões giram em torno de minha experiência com o



ERE na disciplina de Artes Visuais, nos cursos técnicos de Meio Ambiente e de Informática Integrados ao Ensino Médio, do IFPB – Campus Santa Rita, durante o período de isolamento social no ano de 2020.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa é fruto da experiência prática de aulas de Artes Visuais remotas, vivenciada por mim junto aos estudantes dos primeiros anos dos cursos de Informática e Meio Ambiente Integrados ao Ensino Médio, do IFPB – Campus Santa Rita, no ano de 2020, dentro do contexto pandêmico, período no qual tivemos que nos adaptar quanto à forma de desenvolver as atividades de ensino de forma não presencial.

Além das observações a respeito da prática do ensino remoto emergencial, a pesquisa incluiu, na metodologia, revisão bibliográfica em torno de temas relacionados ao ensino no contexto pandêmico, buscando, em materiais já elaborados, suporte teórico para a discussão, com cujos autores, nessa trajetória, se entabulou diálogo e necessário e útil para as reflexões aqui postas. As vivências e análises são tecidas a partir do meu olhar docente, trazendo à tona aspectos subjetivos da prática pedagógica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Retomando o assunto da crise sanitária atual provocada pela Covid-19, observamos o impacto diretamente nas ações docentes. Muitos foram os questionamentos e inquietações devido às limitações impostas pela pandemia, diante do novo cenário. Sendo professora, senti de perto as inseguranças e incertezas quanto ao novo modo de funcionamento das atividades educacionais,

Esta problemática atingiu milhares de educadores que se viram obrigados a atuar utilizando o ensino remoto, sem que houvesse tempo para que fosse realizada uma formação adequada. É possível que a repentina urgência tenha comprometido a qualidade da experiência tecnológica no processo educativo, mas também é fato que as condições e exigências do momento se impuseram, e, diante de um problema que exigia soluções imediatas, muitas barreiras técnicas foram superadas com a prática.

Relatando nossa experiência pessoal, tivemos, de início, a oportunidade de participar de uma capacitação sobre Ferramentas de Ensino no Ambiente Virtual, ofertada pelo IFPB,

instituição em que desenvolvemos as atividades profissionais. Tal evento ocorreu a distância, proporcionando-me, como aluna, viver a experiência do processo de aprendizagem em uma plataforma EAD. O referido curso contribuiu bastante para a compreensão do funcionamento dos momentos assíncronos.

O mesmo não ocorreu no que se refere aos momentos síncronos, pois poucas foram as orientações dadas com a finalidade de preparar os professores neste sentido. Sem o mínimo de orientações pedagógicas necessárias, coube aos docentes usarem a intuição para traçar suas próprias estratégias de aulas remotas. Fato que nos traz preocupações a respeito de como este ensino remoto foi praticado pelos milhares de professores espalhados pelo País e pelo mundo, nos seus diferentes contextos.

É válido salientar que esse novo formato traz um mundo de possibilidades, razão pela qual o professor não deveria se limitar a utilizar um material que, sem a apocalíptica pandemia, teria sido aplicado em suas aulas presencialmente. Também deveria restringir sua atuação ao ato de abrir a reunião com a turma, em seu dispositivo, e seguir de forma expositiva, com pouca ou nenhuma participação ou interação dos estudantes, como aconteceria em uma aula tradicional, resultando em aulas consideradas enfadonhas e desinteressantes por todos, inclusive pelo próprio professor. Lembremos que as práticas inovadoras são bastante pertinentes em todos os formatos de ensino, ainda mais dentro dos meios virtuais.

Na prática do ensino remoto, observou-se que, assim como na sala de aula convencional, muitos estudantes se esquivam de participar das discussões, possivelmente por timidez, dificuldades com os equipamentos, qualidade do sinal de internet ou simplesmente por estarem realizando outras ações no momento da aula, sendo muitas vezes impossível ao professor identificar as ausências dos estudantes nas turmas com maior quantitativo.

Às vezes, com poucas interrupções dos estudantes, a aula remota fluía bem, e até parecia ser satisfatório o fato conseguir terminar todo o conteúdo proposto para a aula. A falsa sensação de que o conteúdo estava sendo repassado me fez lembrar da pedagogia tradicional, em que o professor detentor do conhecimento, atuava como transmissor, e os estudantes só absorviam; a dúvida, no entanto, é se verdadeiramente escutavam o que estava sendo transmitido.

Observa-se que, como forma de atenuar os problemas educacionais provenientes da pandemia no ensino remoto, se faz necessário refletir sobre os métodos utilizados nos encontros síncronos, devendo-se pensar em estratégias que façam com que os docentes

aproveitem melhor as possibilidades tecnológicas, com a finalidade de tornar o ensino mais envolvente e significativo para os estudantes. Não havendo o controle total sobre a situação, por parte do professor, a única saída são as práticas de ensino que contribuem no sentido de capturar a atenção dos estudantes e promover a interação durante o momento síncrono, como quizzes, recursos em plataformas on-line, jogos on-line, redes sociais, apresentações de slides dinâmicas, atividades práticas em aplicativos, entre outros recursos, os quais são muito bem vindos.

Considerando as aulas de Artes Visuais, minha área de atuação, observa-se que muitas são as possibilidades práticas, quando se tem acesso a artefatos tecnológicos modernos, como os computadores e smartphones, durante as aulas presenciais ou on-line, Venturelli (2009, p.6) considera que, para as Artes, a tecnologia aumenta as possibilidades e potencializa as técnicas tradicionais de criação quanto à produção de trabalhos artísticos. Vê-se, então, que:

As novas formas de produção artística que brotam das novas tecnologias impressionam com suas cores, formas e movimento. São editorações gráficas, web designs, montagens de fotografias, vídeos. É a arte visual se atualizando e se modificando, sem, contudo, abandonar a grande razão da existência da arte que é a expressão de ideias e sentimentos. (SILVA *et al.*, 2010, p.101)

Considerando o ensino de arte no contexto das aulas remotas no IFPB no ano de 2020, foi experimentado trabalhar virtualmente com a metodologia triangular, proposta por Ana Mãe Barbosa, por meio de temas cuja contextualização possibilitasse links com as tecnologias que já estavam nas mãos dos estudantes. Desta forma, a maioria das atividades práticas propostas foram desenvolvidas pelos estudantes, com os recursos disponíveis: celulares, tablets e computadores.

Para exemplificar como a metodologia foi aplicada durante as atividades remotas, ao propor o estudo do elemento da linguagem visual *ponto*. Durante as aulas, o estudo do impressionismo e pontilhismo trouxe conhecimentos históricos – discussões e contextualização perpassando pelos pixels (pontos presentes nas imagens digitais). Como atividades práticas, os estudantes trabalharam dentro de plataformas on-line, desenvolvendo artes em pixel.

Da mesma forma, ao longo do processo de ERE, outros temas puderam ser desenvolvidos, sempre tendo em mente as possibilidades de se trabalhar criativamente com as ferramentas tecnológicas, plataformas de edições de imagens, aplicativos de *stop motion*, entre outras que podem ainda ser exploradas não apenas no contexto remoto mas também nas aulas presenciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino remoto emergencial foi extremamente necessário durante os períodos mais críticos da pandemia, porém, ao regressar para dentro dos espaços escolares, não poderemos esquecer totalmente essa nova experiência, voltando a atuar do modo como se fazia anteriormente à crise. No contexto atual, a tecnologia se tornou ainda mais presente em todos

os espaços; a pandemia foi terrível, mas obrigou o mundo educacional, entre outras áreas, a difundir as experiências tecnológicas para grande parte da população, que hoje já não vive sem as novas ferramentas. Esta é a nova realidade à qual é impossível retroceder.

Na relação entre educação e tecnologia, um universo está sendo construído, por isso muito há para se descobrir e desenvolver em se tratando de recursos para benefícios educacionais. Assim sendo, Fusaro (2018) destaca a importância de serem feitas reflexões para que o professor se aproprie desses instrumentos de forma responsável, de modo a não transformar o uso destes novos recursos em mera distração, entretenimento ou passatempo, mas consciente do poder da leitura dessas ferramentas no sentido de contribuir para a libertação e formação cidadã dos educandos, sem perder de vista os objetivos do processo educativo.

Conforme se observou, diante do novo contexto e possibilidades, coube ao professor o trabalho de adaptar suas práticas e estratégias metodológicas para as vivências on-line. Em meio aos testes e experimentos, erros e acertos, às conexões e desconexões, aos poucos as coisas foram se ajustando, e o que era tão complicado antes de todo o processo foi se tornando habitual. Em resumo, de algo tão ruim como foi a pandemia foi possível extrair lições de resiliência e perceber nossa capacidade adaptativa diante das necessidades.

Depois de uma vivência de tão grande impacto, o mundo não poderá mais ser como antes! Não há como negar o que vivemos e o que aprendemos em meio ao vendaval que nos cercou durante a pandemia da Covid19. Por mais tradicionais que sejamos, não podemos expulsar/descartar/dispensar os recursos que tanto nos ajudaram, durante o trágico período de crise, nos espaços educativos, nem esquecer que um dia estivemos 100% em rede. Quem sabe esteja mais próximo o dia em que as práticas híbridas estejam presentes na escola, contribuindo assim para um maior engajamento dos estudantes no processo educativo, resultando em uma aprendizagem mais significativa.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE PEREIRA, F.; ROCHA, I. Ensino de Artes Visuais em um contexto de pandemia: interlocuções para o Ensino Remoto Emergencial. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 14, n. 33, p. 320 - 348, 2022. DOI: 10.5965/2175234614332022320. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/21621>. Acesso em: 9 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Brasília, DF: Ministério da Educação, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-2485643> 76. Acesso em: 21 ago. 2021.

FUSARO, Marcia (org.). **Artes Tecnológicas Aplicadas à Educação**. Editora: C0D3S, 2018. EPUB 2.0 e/ou eBook Kindle (.mobi)

MOTA, Michelle Katiuscia Melo; WATANABE, Elaine Aparecida Takamatu. Ensino remoto emergencial e os desafios para docência. **Revista Valore**, [S.l.], v. 5, p. 39-47, jul. 2021. ISSN 2526-043X. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/885/660>. Acesso em: 09 ago. 2022. doi:<https://doi.org/10.22408/reva50202088539-47>.

SAMPAIO, T.; LEVINO, N.; BITTENCOURT, I. M.; MONTE, M. Ensino Remoto Emergencial na Pandemia: uma Análise a partir da Revisão Bibliométrica de Literatura. **Revista Interdisciplinar de Ciência Aplicada**, [S. l.], v. 6, 2022. Disponível em: <https://sou.ucs.br/revistas/index.php/ricaucs/article/view/115>. Acesso em: 9 ago. 2022.